

## Sociedade do Cansaço

### Márcia Fernanda de Mélo Mendes

Educadora física, mestre em saúde coletiva (UFRGS), professora do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) e doutoranda em Antropologia e Comunicação na Universitat Rovira i Virgili (URV) em cooperação com o Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPA.

E-mail: [marciafernandammendes@gmail.com](mailto:marciafernandammendes@gmail.com)

### Deborah Bekele

Antropóloga, doutoranda em Antropologia e Comunicação na Universitat Rovira i Virgili (URV).

E-mail: [deborah.bekele@estudiants.urv.cat](mailto:deborah.bekele@estudiants.urv.cat)

O Livro *Sociedade do Cansaço*<sup>1</sup> foi escrito por um filósofo de origem coreana, que fixou-se na Alemanha. É composto por sete capítulos e dois anexos, que aprofundam temas como passagem da sociedade de controle para a sociedade do desempenho e as consequências na vida cotidiana, marcada por patologias vinculadas ao excesso e a positividade. A base epistemológica das reflexões é de autores como Platão, Aristóteles, Arendt, Agamben, Nietzsche, Kant, Freud, entre outros, para dialogar, contrapor e aprofundar seus conceitos.

No primeiro capítulo, “A Violência Neuronal”, o autor afirma que estamos vivendo a época das doenças neuronais, marcada por patologias como depressão, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, transtorno de personalidade limítrofe, Síndrome de Burnout, doenças estas provocadas pelo excesso. As épocas anteriores são descritas como a bacteriológica e a viral, marcadas pela negatividade de afastar tudo que é estranho, uma concepção que ultrapassa o campo

imunológico chegando ao âmbito social. A reação imunológica caracteriza-se por uma reação à alteridade, que tem como profilaxia a vacina, caracteriza-se como a negação da negação que ocorre sem perigo à vida, chegando a ser permitido o uso de uma forma de autoviolência para proteger-se de uma violência ainda maior. No entanto, nos dias atuais, nas patologias neuronais, entram em cena a diferença que não provoca nenhuma reação e já não adoece, ela se naturaliza no consumo, dando lugar ao exótico. O imigrante, por exemplo, não é mais visto como um outro que oferece risco ou um estrangeiro representando um perigo real (época bacteriológica e viral), ele é visto, na época neuronal, como um peso a ser carregado. A violência oriunda da positividade, superprodução, superdesempenho e supercomunicação provoca o esgotamento, a exaustão e o sufocamento reflexos de uma sociedade permissiva e pacificada onde este tipo de violência é invisível e inacessível a uma percepção direta.

Nesta sociedade, o sujeito passa a ser empresário de si, absorvido na busca do desempenho e produção. Han parte dos conceitos de sociedade disciplinar e sociedade do controle (conceitos de Foucault) para descrever a transição para a sociedade do

desempenho no segundo capítulo do seu livro. Uma afirmação característica deste tempo é *yes, we can* (sim, nós podemos) que demonstra a positividade do poder em oposição à negatividade do dever. Não é mais necessária uma coação externa, o homem depressivo é o animal trabalhador que não pode mais poder, é, ao mesmo tempo, a vítima e seu próprio algoz em um contexto de uma liberdade paradoxal. O conceito de animal trabalhador é aprofundado no capítulo 4, chamado Vida Activa. O modelo de empresário de si gera uma falsa sensação de liberdade. No entanto, o excesso de positividade e o não poder dizer não desencadeiam processos de coerção e violência, em geral, imperceptíveis. Uma técnica eficaz para a produção e desempenho é a multitarefa, o autor explica no capítulo 3 que não é algo inovador, mas sim um retrocesso que aproximando o homem ao animal que por extinto de sobrevivência divide sua atenção em diferentes atividades. A contemplação e a atenção profunda tem sido deslocadas para a hiperatenção, com baixa tolerância ao tédio que é fundamental para o processo criativo.

O autor segue seu livro com o capítulo “Vida Activa”, no qual discute o conceito de Hannah Arendt. Para a autora, o agir tem uma ênfase heroica vinculada ao nascimento e configura-se como uma forma de ativar novos processos. No

entanto, a modernidade tem gerado uma passividade mortal, sendo que o agir e o produzir relacionam-se diretamente ao trabalho, reduzindo o homem a um animal trabalhador. Na pós-modernidade, a transitoriedade é algo real, que não se relaciona somente a vida humana, mas com mundo da forma que é hoje. Neste cenário, o homem-animal trabalhador vive novas coerções, não é mais passivo e todas as atividades comuns da vida cotidiana lhe geram uma agitação nervosa produzindo sujeitos hiperativos e hiperneuróticos, carentes de ser. Como alternativa, o autor diz que mesmo sem perceber, Hannah Arendt menciona a linguagem da vida contemplativa, e afirma que a perda da capacidade de contemplar, característica da sociedade ativa moderna, é corresponsável pela sua histeria e nervosismo.

No capítulo 5, o autor problematiza a necessidade de aprender a ver, permitindo-se um olhar demorado e lento sem uma reação imediata, enfim a capacidade de contemplar. A reação imediata, característica do nosso tempo, pode ser vista como um sintoma do esgotamento, uma hiperatividade que paradoxalmente se converte em hiperpassividade e gera a ilusão de uma liberdade, mas que na verdade gera mais coerções. O homem padece em um mundo

pobre de interrupções, necessitando da negatividade do corte, do parar interiormente para perceber o todo que não está em uma atividade. Já a positividade, produz pensamento disperso, sem reflexão e conectado a diversos objetos. Esta crescente positividade da sociedade não dá margens a reflexão e a percepção da diferença, provocando um estado de normalidade totalitário que absorve todo e qualquer estado de exceção.

No capítulo seguinte, o autor utiliza o texto de Melvilles sobre Bartleby para descrever as características de uma sociedade disciplinar, afirma que na sociedade disciplinar não há sintomas de depressão, já que a sensação de insuficiência e angústia frente ao fracasso não fazem parte dos sentimentos possíveis no contexto. O imperativo pós-moderno, do contínuo produzir exige que se abandone o próprio eu. A história Bartleby, descreve o esgotamento vivido na Wall Street, onde só a negatividade da recusa usada pelo personagem, lhe dá liberdade.

Chul Han, segue seu livro como capítulo “Sociedade do Cansaço” abordando como a sociedade do desempenho tem-se utilizado de uma forma de *doping* para o melhoramento cognitivo, a vitalidade como um fenômeno

complexo perde valor reduzindo-a a função vital. Assim temos uma sociedade do excesso, do desempenho, uma sociedade ativa que gera o esgotamento e um cansaço solitário pela positividade. Também é uma forma de violência que acaba com a comunidade, tornando possível uma sociedade que não precisa de pertença. Ele finaliza este capítulo contrapondo a sociedade ativa à “sociedade petencostal”, composta por cansados sem sentido específico, afirma que se o futuro fosse este, teríamos a sociedade do cansaço. O livro segue com o anexo “Sociedade do Esgotamento” onde o autor faz uma análise dos conceitos de Freud e das mudanças da sociedade disciplinar para sociedade do desempenho, apontando uma reestruturação da psique. O aparato psíquico proposto por Freud é dominado pelo medo e angustia perante a transgressão, no entanto, no sujeito do desempenho vê-se o sujeito da afirmação. Este sujeito não se submete mais a um trabalho compulsório e nem está à espera da gratificação que o sofrimento poderia lhe causar. Ele busca prazer e passa a ser um empreendedor de si mesmo, um estado de liberdade que que força a produzir mais, sem jamais alcançar um ponto de gratificação. Uma nova forma de coação, dissimulada, impede que os sentimentos negativos sejam percebido, e assim, o conflito deste modo de vida e funcionamento não emerge.

O autor constrói uma nova forma de olhar o adoecimento psíquico como depressão e *burnout*, descrevendo como consequências da incapacidade de dizer não, de poder não fazer tudo. Uma forma de autodestruição que ganha concretude no colapso nervoso ou em síndromes como *burnout*, nesta forma de viver, o homem equipara-se a mortos-vivos, que estão vivos demais para morrer e mortos demais para viver.

No segundo anexo, intitulado “Tempo de celebração – a festa numa época sem celebração” o autor encerra seu livro dando pistas de formas de resistência a sociedade do desempenho, para isto oferece ao leitor o conceito de festa em contraponto ao evento. O tempo da festa é um tempo que não passa, é um espaço onde nos demoramos, situação difícil de identificar hoje em dia, vivemos a temporalidade do evento ou do espetáculo, a vida é marcada pela eventualidade. A palavra festa tem origens religiosas, sendo um momento onde nos tornamos divinos, Han se refere ao livro do Platão, *Nomoi* (As leis) que fala que o homem e a mulher foram feitos por Deus para brincar e jogar, todavia as manifestações como fazer oferendas, dançar e cantar serviam para despertar a graça dos deuses. No entanto, hoje, somos escravos do trabalho, do desempenho e da produção nos

afastando da divindade. Para a crise atual, o autor sugere que devemos criar uma forma de vida que recupere a estagnação, para isto é importante perceber a diferença entre parar e pausar. Na pausa ou desaceleração o objetivo é a recuperação para voltar a trabalhar, continuar funcionando em oposição temos o estagnar caracterizado por um tempo pleno de elevada intensidade vital.

Han encerra seu livro citando as três formas de vida livre, segundo Aristóteles: a que goza das coisas belas, a que produz belos atos na *polis* e a vida contemplativa, sendo assim, são livres os poetas, os políticos e os filósofos, no entanto

hoje a política está deturpada, os políticos se submeteram ao sistema que resulta em uma ditadura do capital. O hipercapitalismo transforma todas as relações em comerciais, a dignidade humana é substituída pelo valor de mercado e a sociedade vai se transformando em um grande e única loja comercial, repleta de objetos e mercadorias com vida útil e validade cada vez menores. Muito semelhante ao manicômio, onde temos tudo, mas nos falta o essencial, o mundo. O autor afirma que está na hora de transformar esta loja que se transformou o mundo em uma moradia, uma casa de festas, onde valha a pena viver.

## Referências

<sup>1</sup>HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. 2. Ed. ampl. Petrópolis: Vozes; 2017.

